



O TRABALHO COM A ORALIDADE: CONCEPÇÕES DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II A RESPEITO DA FALA PÚBLICA

Márcia Cristina Pereira dos Santos

Universidade Federal de Minas Gerais/Mestrado Profissional em Letras/Faculdade de Letras,
mcpsantos82@gmail.com

Resumo: Este trabalho parte da proposta de ensino que pretende favorecer o desenvolvimento da oralidade de alunos do Ensino Fundamental II e que, para isso, utilizará como ferramenta a contação de textos literários. O texto tem como base os depoimentos iniciais dos alunos, referentes à exposição oral, que revelam a ocorrência da timidez e do medo de falar em público como dificultadores da comunicação. O referido estudo está sendo realizado com alunos do 9º ano de uma escola municipal de Betim-MG. Serão relatados no texto os resultados já obtidos referentes ao questionário inicial, que aponta dados relacionados principalmente a aspectos como dificuldades na fala pública, incentivo e acesso à leitura e a importância da comunicação oral na perspectiva discente.

Palavras-chave: Oralidade e ensino, contação de textos literários, protagonismo socioescolar

1. Introdução

Considerando a importância do uso oral da linguagem, saber expressar-se com segurança e coerência é uma habilidade que confere identidade e situa o sujeito em um lugar social. Mas, para muitos, essa habilidade representa um desafio monumental, seja por questões de ordem emocional, por falta de estímulos no início da vida escolar etc.

Em relação a esse aspecto da comunicação, observa-se no ambiente escolar um



problema importante: muitos alunos das séries finais do Ensino Fundamental, além de terem pouco contato com a literatura, apresentam dificuldade de expressar-se oralmente e em público, principalmente no que diz respeito à capacidade de sintetizar as informações e à articulação das ideias.

Pretende-se, portanto, realizar um trabalho, que incentive os alunos a desenvolverem essa habilidade, adotando uma atividade de exposição oral do texto literário. Neste artigo serão analisados os dados do questionário inicial da pesquisa que revelam as concepções de oralidade dos alunos; posteriormente, haverá a aplicação do projeto de ensino, e ambas as etapas da pesquisa serão discutidas na dissertação do mestrado.

Enfim, esse trabalho traz parte de uma proposta que visa à análise da contribuição de uma atividade com leitura e exposição de textos literários, na sala de aula, para desenvolvimento da oralidade dos alunos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Dolz et. al. (2004) existe um paradoxo no ensino da oralidade, que tem lugar importante nas duas pontas do sistema escolar: na pré-escola e nos primeiros anos do ensino fundamental e nas escolas de cursos superiores. Na primeira situação, há uma consolidação dos usos informais do oral e inserção de novos usos relacionados ao lugar de comunicação “sala de aula”. Na segunda situação, buscam-se recursos que favoreçam a tomada da palavra em público, indispensável para um bom desempenho de profissionais como jornalista, professor, advogado etc. Então,

Não haverá lugar para instalar o oral como objeto de aprendizagem específica também entre essas duas pontas? Assim, ao longo do ensino fundamental, o aprendiz poderia fazer novas descobertas a respeito desse objeto que manipula



constantemente e utilizá-lo em contextos que não lhe são ainda familiares. (DOLZ *et.al.*, 2004, p. 126)

É na interface dessas duas pontas do ensino que este trabalho atua, ou seja, na faixa em que a preocupação com a oralidade diminui, no Ensino Fundamental II.

Observa-se nos depoimentos dos alunos interrogados que existe, para um número significativo deles, o medo de falar em público. Alguns alegam ter medo de errar, medo do olhar, do julgamento do outro. Sobre isso, Polito (1986) diz que é natural ter medo de falar em público e que é preciso conhecer as causas que provocam esse medo e usar técnicas para vencê-lo. O medo é psicológico, irracional e não obedece a princípios lógicos, tanto o medo de se expor ao ridículo em público, quanto medo de esquecer tudo ou de gaguejar, de tremer ou tantos outros medos que aparecem e aumentam na imaginação do falante despreparado, observa Polito.

Assim, nas práticas pedagógicas voltadas para a oralidade, é preciso ter atenção com a timidez e com os efeitos negativos que ela provoca no sujeito. Segundo Daniel Fuentes (2008), a timidez compromete a comunicação, os relacionamentos da vida pessoal e profissional e, portanto, o sucesso em muitos aspectos, na medida em que vários tipos de oportunidade são perdidos.

3. METODOLOGIA

Pretende-se fazer uma intervenção de caráter *qualitativo*, com base nas direções dadas por Lüdke e André (1986) e Bortoni-Ricardo (2008). As atividades começaram a ser desenvolvidas em sala de aula, nos horários das aulas de português, em uma turma do 9º do Fundamental II.

Os trabalhos foram iniciados com a aplicação de um primeiro questionário cujo



objetivo é de caracterizar os participantes da pesquisa e conhecer suas experiências, habilidades e afinidades no que diz respeito à leitura e expressão oral, bem como seu perfil social; além de saber sobre suas expectativas em relação ao papel da escola no ensino da oralidade e em relação também à contribuição deste trabalho na formação dos participantes.

Na sequência de atividades serão realizados: um diagnóstico de contação para verificação das condições da expressividade oral dos participantes; oficinas do projeto de ensino voltadas para a desinibição, performance, leitura e contação, nessa ordem. No fechamento das atividades, será aplicado um questionário final, cujos dados serão analisados e comparados aos dados iniciais. Nesse artigo, entretanto, somente esses dados iniciais estarão em evidência.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

No início do estudo, 32 alunos responderam a um questionário que visa, entre outras intenções, ao conhecimento do perfil do participante e à percepção e expectativas dele em relação ao discurso oral.

Questionados sobre o costume de falar em público ou em situações que fogem da intimidade, 31% responderam que têm esse hábito, e outros 31% que fazem isso com pouca frequência; 22% disseram que não, e 16% alegaram falar muito pouco em público. Sobre a ocorrência de dificuldade ou desconforto no momento de falarem em público, 25% responderam que sim; 66% têm pouca; e somente 9% disseram não ter nenhuma dificuldade. Sobre o que mais os deixa nervosos quando precisam expressar-se em público, 47% revelaram que “ser olhado pelo outro” é o que mais incomoda, mas houve alegações como “medo de errar”, “medo de ser criticado” e “medo de as pessoas rirem”. Sobre a importância de falar bem, com



desenvoltura e segurança, 97% disseram achar importante, 3% não responderam; sobre o porquê da importância disso, alguns disseram que é preciso evitar o erro por causa da “zoeira” e “opressão” alheias, outros disseram que confere segurança para quem fala e credibilidade em relação ao ouvinte, passar boa impressão, favorecer a autoestima, conseguir um bom emprego, e dois disseram que falar bem ajuda no convencimento do interlocutor. Sobre a relação com a leitura de textos literários, 69% não costumam ler com frequência, e só 31% cultivam esse hábito. Sobre o acesso a bens culturais como teatro, cinema, shows, a maioria alegou que sim, mas acesso em relação a produções culturais originadas da internet (jogos eletrônicos, vídeos do youtube, revistas, etc.) e redes sociais, todos disseram que têm.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação à proposta desse estudo de favorecer a oralidade através da contação de textos literários, pode-se perceber inicialmente, por meio dos dados coletados, que há uma necessidade de abrir espaço na sala de aula para o trabalho com o gênero oral. Observa-se que há alunos com dificuldades para se expressarem em situações formais e que eles consideram importante a aplicação de atividades voltadas para o desenvolvimento dessa habilidade. Nota-se também que há uma relação do “falar bem” com uma boa colocação no mercado de trabalho, na perspectiva de alguns alunos; o poder de convencimento também foi observado.

Assim, é possível admitir a relevância deste estudo no ambiente escolar e nas práticas pedagógicas do ensino de língua, para que seja alcançado um avanço satisfatório na comunicação oral dos alunos.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador*. introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.



DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 125-155.

FUENTES, Daniel. *Neuropsicologia: teoria e prática*. Porto Alegre: Artmed. 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

POLITO, Reinaldo. *Como falar corretamente e sem inibições*. São Paulo: Saraiva, 1986.

Realização

Textolivre

Apoio

Laboratório
SEMIOTEC

CAED
Curso de Apoio à Educação a Distância

FALE
FACULDADE
DE LETRAS

PRAE
PRÓ-REITORIA
DE ASSUNTOS
ESTUDANTIS

PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

PROGRAD
PRÓ-REITORIA
DE GRADUAÇÃO

UFMG

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

